

**A Deusa Lilith, a entidade Pombagira e a personagem Rosa Palmeirão: faces do feminino em Mar Morto, de Jorge Amado**

**The Goddess Lilith, the entity Pombagira and the character Rosa Palmeirão: faces of the feminine in Mar Morto, Jorge Amado**

Marcelo Barbosa dos Santos<sup>1</sup>

Rubra Pereira Araujo<sup>2</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:**

Este artigo tem o objetivo de aproximar as ações e performances da personagem Rosa Palmeirão, da obra *Mar Morto* (1936), de Jorge Amado (1912 – 2001), das características da deusa Lilith e da entidade Pombagira, e discutir sobre os estereótipos presentes em sua identidade feminina fixados por meio dos versos cantados pelo personagem Francisco, tio de Guma. Além de evidenciar que Rosa Palmeirão, juntamente, com Lilith e a Pombagira formam uma tríade arquetípica feminina que luta contra todo ato de misoginia praticado por opressores misóginos e fálicos, valorizando, assim, os estudos de decolonialidade.

**Palavras-chaves:** Feminino; Lilith; Pombagira; Rosa Palmeirão; Estereótipo.

**Abstract:**

This article aims to approximate the actions and performances of the female character Rosa Palmeirão, from the work *Mar Morto* (1936), by Jorge Amado (1912 – 2001), of the characteristics of the goddess Lilith and the entity Pombagira, and discuss about the stereotypes present in their female identity fixed through of the verses sung by the character Francisco, Guma's uncle. In addition to showing that Rosa Palmeirão, together with Lilith and Pombagira form a triad archetypal female who fights Against Every act of misogyny practiced by misogynist and phallic oppressors, thus valuing the studies of decoloniality.

**Keywords:** Female; Lilith; Pombagira; Rosa Palmeirão; Stereotype.

**Submetido em 30 de janeiro de 2021.**

**Aprovado em 25 de maio de 2021.**

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Porto Nacional – TO. Atua na Linha de Pesquisa: literatura, crítica e comparatismo com foco interseccional entre Literatura e Religiosidades. Especialização em Letras: Português e Literatura pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá – FIJ (2007), Graduação em Letras – Português/Literaturas de Língua Portuguesa, pela Faculdade TECSOMA (2005), em Pedagogia pela Universidade Paulista – UNIP (2015) e em Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR (2015). É professor efetivo da rede pública do município de Palmas – TO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2148585998818491>

E-mail: [marcelo.barbosa1@mail.uft.edu.br](mailto:marcelo.barbosa1@mail.uft.edu.br) e [professormarcelobarbosa@gmail.com](mailto:professormarcelobarbosa@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora e Mestra em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela UFT. Professora doutora da Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional – TO e coordenadora do curso de licenciatura em Letras, atuando também na Pós-Graduação com pesquisas voltadas para o ensino em uma perspectiva de currículo pós estruturalista e suas interfaces com a educação e sociedade.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4468053712806857> . Email: [araujorubra@gmail.com](mailto:araujorubra@gmail.com)

*Ela tem um jeito lindo de me olhar nos olhos  
 Me despertando sonhos, loucuras de amor  
 Ela tem um jeito doce de tocar meu corpo  
 Que me deixa louco, um louco sonhador  
 Ela sabe me prender como ninguém  
 Tem seus mistérios  
 Sabe se fazer como ninguém  
 Meu caso sério  
 Uma deusa, uma louca, uma feiticeira  
 Ela é demais  
 Quando beija minha boca e se entrega inteira  
 Meu Deus, ela é demais  
 (...)*

(Música “Ela é demais”, composição de Elias Muniz e interpretação de Rick & Renner, 1998).

## **Introdução**

O presente estudo tem o objetivo de discutir a aproximação das performances da personagem Rosa Palmeirão da obra *Mar Morto* (1936), do escritor Jorge Amado (1912 – 2001), das características da deusa Lilith e da entidade Pombagira.

A partir dessa discussão, o texto aborda sobre o processo de formação de sua identidade amplamente perpassada pela estereotipia negativa considerando-a “mulher-homem” por ser valente; e, sedutora pelo simples fato de ser mulher e de ser negra cujo corpo possui atributos sensuais e sexuais aflorados.

Por meio dessas discussões evidenciamos que ela se tornou uma mulher determinada e, totalmente, provedora de si, em sua totalidade, por ser ativa e consciente de sua verdadeira natureza feminina, isto é, de sua *anima*, ou seja, de seu poder arquetípico Lilith-Pombagira.

## **1. As atitudes e ações da personagem Rosa Palmeirão associadas às características de Lilith e da Pombagira**

Rosa Palmeirão<sup>3</sup> é uma personagem bastante emblemática no enredo da obra *Mar Morto* (1936), de Jorge Amado (1912 – 2001). As pessoas do cais conhecem muito bem a sua fama porque o velho Francisco<sup>4</sup>, conhecedor de todas as histórias da rainha Iemanjá, também sabe de seus feitos, feitiços e narrativas. Por isso, ele espalhava por todo o cais da Bahia as travessuras dessa mulher-personagem muito importante e significativa para o desenvolvimento dos fatos e acontecimentos cotidianos que perpassam a vida das

<sup>3</sup> Trata-se de uma rosa, típica da região do Nordeste brasileiro, floresce o ano inteiro e bastante resistente ao sol.

<sup>4</sup> Conhece as histórias daquelas águas, daquelas festas de Janaína, daqueles naufrágios e temporais. (AMADO, 2012, p. 25)

demais personagens da obra, principalmente, das femininas que vivem uma vida de agonia e de amargura quando seus homens marinheiros vão velejar pelos mares afora.

Assim, onisciente de todos os causos e feitos dos marítimos do cais baiano, o senhor Francisco, tio de Guma – protagonista da obra em questão – sabe muito bem que naquele porto baiano prevalece algo místico no ar. Por isso, dona Janaína o deixou vivo após uma noite terrível de tempestade e escolheu levar para “dormir” com ela, o seu irmão Frederico, pai de Guma.

Segundo o narrador de 3ª pessoa, conta-se que neste dia, a esposa de Francisco andava de um lado para o outro, rezando a Nossa Senhora de Mont Serrat<sup>5</sup> e fazendo promessas a Iemanjá. Assim, acredita-se que dona Inaê ouviu o seu pedido e o deixou vivo para espalhar a todas as pessoas os inúmeros mitos a respeito dela – tornando-se, segundo José Benedito dos Santos (2013), símbolo da sabedoria popular, isto é, um *griot*<sup>6</sup> – para, também, contar as inúmeras histórias estereotipadas,

em prosa e verso, [sobre] Rosa Palmeirão [que] já tem abc e até os cegos do sertão cantam as suas estrepolias. Os homens do cais, que a conhecem, gostam dela e nenhum lhe nega fogo para o seu cachimbo e um largo aperto de mão. E junto de Rosa Palmeirão ninguém conta valentia. (AMADO, 2012, p. 52)

Segundo o narrador onisciente de *Mar Morto* (1936), o velho Francisco costuma narrar as histórias nas noites em que saem poucos saveiros do cais. É claro que ele aumenta partes nas histórias que conta. E por mais que aumente, até ele, o melhor contador de histórias do cais da Bahia, nunca conta a verdade, ou seja, não pode falar tudo o que Rosa Palmeirão fez, porque ela não é uma mulher que permanecia em uma local só. Era uma mulher viajada. Dizem que ela andava muito mais bonita quando estava amando um homem. E, por isso, a flor – uma rosa-palmeirão – que ela costumava trazer no vestido ficava muito mais linda.

Talvez por não a conhecer totalmente seja um dos motivos da invenção de partes em suas histórias. Fato que pode ter contribuído para ela ser identificada como uma mulher valente, isto é, estereotipada como “mulher-homem” quando o narrador afirma

---

<sup>5</sup> Comentários de eruditos sobre o trabalho de Goethe reconhecem a influência da Nossa Senhora de Montserrat, embora não mencionem que ela seja negra. A Nossa Senhora Negra, associada tanto com a terra como com a fertilidade, é imagem do feminino divino que reflete uma ligação antiga entre a natureza da mulher e a deusa do amor. Através dela, a Grande Deusa vive no cristianismo. (QUALLS-CORBETT, 1990, p. 205)

<sup>6</sup> *Griot* e *Griota* constituem-se em contadores e contadoras de histórias que são fundamentais para a permanência da humanidade: são como um acervo vivo de um povo. Carregam nos seus corpos histórias, lendas, feitos, canções, lições de vida de toda uma população, envoltos numa magia própria, específica dos que encantam com o corpo e com sua oralidade (BRANDÃO (2006, p. 36) *apud* SANTOS (2013, p. 55).

que ela “botou a navalha na saia, o punhal no peito novamente. Parece um homem em cima do Pacote Voador” (AMADO, 2012, p. 258). Por isso, ninguém ousava ser valente perto dela. Contudo, alguns homens insistiam em não a respeitarem. Mas, coitados desses, pois quando ela estava apaixonada era uma mulher fiel. Nesse sentido, coitado daquele que ousasse se aproximar dela com más intenções, pois, segundo o canto estereotipado do velho Francisco:

se de dia era valente,  
valente como ela só...  
de noite era diferente,  
dos homens ela tinha dó... (AMADO, 2012, p. 54).

Esses versos nos permitem inferir que a representação dessa personagem era estigmatizada na figura de um ser masculinizado valente e bravo que agia durante o dia e, à noite, esse ser se “tornava” feminino e utilizava de todo o seu poder de sedução para atrair os homens. O que nos remete ao ponto: “Pombagira é mulher de Sete Maridos, não mexa com ela, ela é um perigo” (CUMINO, 2019, p. 101). Este pesquisador destaca que a letra desse ponto quer dizer que “Sete maridos são Sete Realidades, Sete Mistérios, Sete Exus, e não há nada de errado, Pombagira faz par com todos os Orixás e todos eles fazem par com todas as Mães Orixás” (CUMINO, 2019, p. 102), porque entidade não se casa. Ela está onde quiser e com quem quiser.

Assim era com a personagem Rosa Palmeirão que, segundo o narrador, viajava muito e, quando frequentava o boteco *Farol das Estrelas* “falava igual a um homem, bebia como poucos” (AMADO, 2012, p. 55). Sendo assim, estereotipada como homem. A letra do ponto acima, também, traz um tom de ameaça, assim como a canção cantada pelo senhor Francisco que, também, destaca o poder sexual e sensual, a força e a valentia de Rosa Palmeirão.

Essa associação é notada no momento em que se percebe a atitude corajosa, audaciosa, destemida, determinada e ousada dessa personagem em estar num local possivelmente “inadequado” para uma mulher na visão de uma sociedade patriarcal que insiste em afirmar que mulheres não podem frequentar locais públicos, como bares e, muito menos, estarem rodeadas de homens ingerindo bebidas etílicas. As que insistem em quebrar esse tabu, são estereotipadas como “mulher-homem”, assim como Rosa Palmeirão e, também, rotuladas de mulheres “da vida”, prostitutas, “de vida fácil”, promíscuas e “putas”. A respeito da mulher ser estigmatizada como “prostituta” ou “puta”, a Pombagira, simplesmente, afirma:

Quem diz que sou “puta” de forma pejorativa não me conhece, muito menos sabe o que é a vida de uma “puta”. Quem diz que não sou “puta”, [...] manifesta seu apreço, carinho ou amor e também manifesta preconceito com a “puta”, que pode ser a [...] “mulher livre”, “indomada” [...]. Puta ou santa, pouco importa, sou Pombagira. Quando você olha para mim, vê apenas o que há em seu íntimo; se vê “puta”, está aí algo mal resolvido, se vê “santa”, também está mal resolvido, se vê mulher ou Deusa, sou eu, Pombagira. (CUMINO, 2019, p. 59 – 60)

Assim, como um ser livre e indomado Rosa Palmeirão estava à vontade, livre, alegre e feliz, com seus amigos no boteco, mostrando realmente a sua identidade de maneira espontânea e leve, independentemente dos olhares de julgamento de opressores sexistas, pois se encontrava ativa e contente como as entidades Pombagiras costumam gargalhar, beber, fumar e dançar livremente com “seu corpo belo representando a alegria e a paixão” (QUALLS-CORBETT, 1990, p. 16) em manifestações performáticas quando se apresentam nos terreiros de religiões afroindo-brasileiras liberando o seu axé como um ato de resistência contra todo tipo de silenciamento e opressão. Haja vista que, o arquétipo das entidades Pombagiras é considerado o divino feminino, pois elas

na concepção dos fiéis transcendem o sagrado e o profano, que bebem champanhe, fumam cigarros ou charutos, dançam e riem, enquanto “trabalham abrindo caminhos”, curando doenças, trazendo amores perdidos ou aconselham seus consulentes a desistirem de amores não correspondidos”. (SOUZA, 2019, p. 53)

Dessa maneira, a Pombagira é o arquétipo da sacerdotisa denominada de “sagrada prostituta dançando no templo” (QUALLS-CORBETT, 1990, p. 16) afrodescendente brasileiro, que a “mente racional simplesmente relegou-a à categoria de “práticas pagãs arcaicas”” (QUALLS-CORBETT, 1990, p. 16), porque, nas teorias de (Barros (2013) *apud* Souza (2019)), essa entidade traz consigo algumas marcas de sensualidade, de erotização e luxúria.

Por outro lado, a pesquisadora Augras (2000) afirma que o ponto supracitado, na visão de Molina, evidencia o poder feminino emanado do poder masculino, e na prática esses dois aspectos se confundem. Assim, fica a dúvida: “o fato de ter sete maridos que a torna perigosa ou se o poder de sua sedução é tão forte que lhe garante a posse dos sete.” (AUGRAS, 2000, p. 33). Em todo caso, esse perigo, para essa autora, parece estar relacionado com

o que Foucault (1997) considera como discursos que classificam práticas da sexualidade, para o autor a sexualidade se torna um dispositivo de poder, que normaliza, cria regras sociais e determina o que é proibido ou não. [...] ao nos referirmos à sexualidade ativa das mulheres, temos que nos reportar à construção social envolta na sexualidade feminina. Quando enfatizamos o desenvolvimento de multiplicidades de possibilidades de vivência de sexualidade localizadas fora de

padrões heteronormativos. As pombagiras estão em meio a essa diversidade e perpassam moldes de feminilidade impostos patriarcalmente. A cultura ocidental continua sendo muito ambígua em relação à sexualidade, na qual mulheres que expressam seus desejos são consideradas profanas e não dignas de respeito. (SOUZA, 2019, p. 62 – 63 – 64)

Por isso que a sociedade machista e sexista arraigada aos dogmas religiosos cristãos impostos pela igreja católica (única religião que poderia ser cultuada no período da colonização), associa essa entidade à imagem estereotipada da prostituta, da puta, promíscua, devassa, poligâmica, víbora e tudo o que uma mente distorcida de um ser humano machista e preconceituoso pode lhe atribuir.

Em função disso, o kardecismo, nos dizeres de Lages (2003), realmente a considerou o espírito de uma mulher que em vida teria sido uma prostituta, mulher de baixos princípios morais, empenhada em conquistar os homens com suas proezas sexuais, que encarna, de acordo com Barros (2006), o estereótipo da prostituta que nos terreiros surge seduzindo e provocando homens e mulheres com suas gargalhadas e seu riso irônico, sarcástico, gestos eróticos, fumando e bebendo. É a provocação de quem desconhece travas morais e sociais.

Nesse sentido, Barbosa Junior (2014) corrobora que o senso comum associa as Pombogiras a prostitutas. Entretanto, segundo ele, se muitas delas estão resgatando débitos que têm relação com a sexualidade, isso ocorre, não somente em decorrência da promiscuidade e consequências energéticas, mas pela ideologia da abstinência sexual imposta pela religiosidade. Ele cita, por exemplo, mulheres que aceitaram os votos celibatários, mas foram grandes agressoras de crianças, tornando-se pessoas amarguradas e mal humoradas que praguejam contra mulheres que possuem uma vida sexual ativa.

Dessa maneira, nos dizeres de Koltuv (2017), Lilith é citada no livro do Zohar, do ponto de vista da psicologia masculina como um ser que é desejável, mas ao mesmo tempo perigosa, pois

ela se adorna com muitos ornamentos, como uma desprezível prostituta, e posta-se nas encruzilhadas a fim de seduzir os filhos dos homens. Quando algum tolo dela se aproxima, ela o agarra, beija-o e serve-lhe vinho feito com a borra da bílis de uma víbora. Assim que ele bebe o vinho, põe-se a segui-la extraviado. [...] Os ornamentos para sedução dos filhos do homem são: o cabelo longo e vermelho como a rosa; as faces brancas e vermelhas; [...] suas palavras são suaves como o óleo, seus lábios são vermelhos como uma rosa e adocicados com todas as doçuras do mundo. Ela se veste de escarlate [...] e o tolo bebe do cálice de vinho, fornicava com ela e perde-se atrás dela. [...] (PATAI (1967, p. 222) *apud* KOLTUV (2017, p. 69 – 70))

Assim, Koltuv (2017) prossegue afirmando que Lilith, no pensamento de Neumann (1972), é relacionada a figuras de encantamento fatal, sedutoras, orgiásticas e apavorantes que representam um ser feminino atraente e sedutor dotado de aspecto negativo. Desse modo, a pesquisadora Costa (2015) nos diz que a rainha Maria Padilha de Castela chegou ao nosso país por meio de crenças no campo religioso e do imaginário das feiticeiras portuguesas. Sendo, então,

vista como uma mulher extremamente perigosa, libidinosa, sensual, astuta, demoníaca que possuía a arte da sedução, da feitiçaria e da magia. Ela era vista como subversora da ordem estabelecida e aquela que havia quebrado os paradigmas de uma sociedade conservadora e católica. Ao exteriorizar a sua sexualidade em toda sua plenitude, ela se tornou, para a época, um modelo de mulher devassa e perversa, associada às bruxas e feiticeiras. Além disso, seu comportamento foi considerado pela medicina da época como anômalo e patológico. (COSTA, 2015, p. 28)

Parafrazeando Foucault (1988), a pesquisadora Costa (2015) nos diz que esse comportamento definia o prazer perverso ou bárbaro como um instinto meramente biológico e carnal, considerado uma anomalia ou anormalidade, isto é, um desvio. E aos olhos da igreja, era entendido como prática demoníaca e associado ao pecado original. Por isso que, essa pesquisadora, agora, afirma a partir das teorias de Del Priore (2013), que todo e qualquer comportamento sensualizado, sexualizado, extravagante e orgástico proveniente das mulheres, era entendido pela igreja como uma influência de caráter demoníaco, e, assim, essas mulheres eram condenadas ou sentenciadas pelo Santo Ofício por causa desses comportamentos subversivos.

Quando a pesquisadora Lages (2003) descreve que no imaginário social kardecista a Pombagira encarnada foi o espírito de uma mulher alegre, ativa, livre e por isso, relacionada à prostituta que, segundo Barros (2006), se manifesta nos terreiros afro-brasileiros bebendo, fumando e gargalhando, nos direciona a uma passagem da obra *Mar Morto* (1936) numa tentativa de, mais uma vez, aproximar as características das Pombagiras, segundo essas pesquisadoras, com as atitudes e ações da personagem Rosa Palmeirão.

De acordo com o narrador do romance-corpus, após ter voltado de viagem durante muitos anos de sua ausência, os marinheiros e o velho Francisco que estava com Guma correram para o *Farol das Estrelas*. Ao adentrarem ouviram rumores de copo da sala do boteco e viram que “Rosa Palmeirão estava sentada no balcão e ria muito, os braços abertos, um copo na mão” (AMADO, 2012, p. 55). E quando ela viu o senhor Francisco correu e lhe deu um forte abraço.

Estas colocações nos direcionam aos estudos de Carvalho (2013), no qual identificamos que, o fato da personagem Rosa Palmeirão ser considerada uma mulher alegre, livre e ativa, fez Jorge Amado cair na falha de tentar ressaltar as suas “qualidades” por meio de uma alegria, liberdade e altivez estereotipadas. A performance das pombogiras em transe nos rituais afroindo-brasileiros aproximam dessa descrição. O riso escancarado da entidade visa espantar energias densas de opressão, segundo práticas observadas nessas religiões. Características que se tornam, ainda segundo Carvalho, atributos estereotipados criados por um sujeito dominante para qualificar o outro como “diferente”, colocando-o numa posição de marginal. Entretanto, nesse processo acontece o que

Bairrão (2002, p. 56) configura como “o subjugado dá a volta por cima. O ‘baixo’ é o alto. Honra-se o popular”. Há uma harmonia complexa entre os sentidos de todas as linhas (tipificações de formas de transe decalcadas de “modelos” sociais) e um valor de inclusão de todo o marginalizado. (SOUZA, 2019, p. 57)

No entanto, Carvalho (2013) parafraseia Goffman (2008) e evidencia que a sociedade tem a tendência de classificar as pessoas ou grupos sociais conforme os atributos que lhes foram preconcebidos como uma estratégia de prever a identidade social dessas pessoas ou grupos de maneira estereotipada.

A autora reforça que essas concepções constroem expectativas inconscientes em relação ao outro. O que resulta na construção de uma identidade pautada em fatores externos, definindo-a de maneira deteriorada e fundamentada na aparência, tornando-se um sujeito completamente marginalizado sob o véu do estereótipo reconhecido “como um modo ambivalente de conhecimento e poder [que] exige uma reação teórica e política que desafia os modos deterministas ou funcionalistas de conceber a relação entre o discurso e a política” (BHABHA (2007, p. 106) *apud* CARVALHO (2013, p. 35)). Uma vez que, ao parafrasear Homi Bhabha (2007), Carvalho menciona que os estereótipos fixam por meio de discursos de alteridade que garantem a afirmação da diferença sexual e/ou racial no estereótipo.

## **2. Rosa Palmeirão: uma identidade perpassada pela estereotipia negativa**

Os estereótipos – processo ambíguo de conhecimento e poder – a respeito da imagem de Rosa Palmeirão continuaram a ser disseminados por meio do discurso narrativo realizado pelo velho Francisco que sempre o fazia cantando em uma roda com seu violão:

Rosa Palmeirão tem navalha na saia,  
 Tem brinco no ouvido e punhal no peito,  
 Não tem medo de rabo-de-arraia,  
 Rosa Palmeirão tem corpo bem-feito. (AMADO, 2012, p. 52)

Para Eduardo de Souza Ponce e Maria Carolina de Godoy (2014), esses versos cantados pelo velho Francisco evidenciam a força e a beleza da personagem Rosa Palmeirão que evoca uma imagem aliada ao desejo e ao temor, que funde o lirismo de seu corpo à valentia pertencente, apenas, aos homens em um ambiente predominantemente masculino como o cais.

Talvez seja por isso que, segundo o narrador, todos os marinheiros conhecem a sua fama que já se espalhou por distintos mares e ancoragens no mundo dos marujos e os deixaram com medo da navalha e do punhal que ela traz consigo. Mas, o medo que sentem do corpo dela ainda é maior, porque ela os engana muito quando os chama para uma noite de amor, seduzindo-os. Haja vista que, nos dizeres de Jânio Roque Barros de Castro (2015), a sua sedução deixa os homens vulnerabilizados, ou seja, desarmados. Por isso que, nos dizeres do narrador onisciente, ela “não seria nada se ... não tivesse o corpo bem-feito ... [para andar] remexendo e gingando como se fosse marítima também” (AMADO, 2012, p. 52), [pois] “tinha um corpo bonito e não perdeu nada ainda. Quando amava um homem, era mulher como nenhuma” (AMADO, 2012, p. 54). E assim, os marinheiros iam atrás dela. Mas, coitados se ela não quisesse amar ou não gostasse deles, pois a decisão era dela; haja vista que já bateu em muitos homens, pois como afirmam Ponce e Godoy (2014), o lirismo de seu corpo está fundido à valentia.

Segundo Castro (2015), o escritor Jorge Amado mesclou a força da defesa, com instrumentos físicos usados predominantemente por homens, com a força de encantamento e fascinação da beleza física, assemelhando-se à sedução mítica do canto das sereias, potencializada na ginga do andar da mulher, que seduz e domina os homens do cais. Nesse sentido, criada pela pena de Jorge Amado num romance de 1936, Rosa Palmeirão é uma mulher-personagem complexa, forte, temível e fascinante à frente de seu tempo, porque tem força física, armas, coragem, ginga e beleza que encanta. Por isso, que ao passar, os olhares masculinos são todos direcionados a ela, de acordo com Castro (2015).

Percebemos que essa personagem era muito cobiçada pelos homens. Todos a desejavam ardentemente, sexualmente e eroticamente, provavelmente com o intuito de domá-la ou seduzí-la, tomando-a para si. Isso é observado no boteco *Farol das Estrelas*

quando ela veio sentar num canto próxima a Guma e “ele olhava para ela, tinha o corpo bem feito. As nádegas grandes oscilavam como a proa de um saveiro” (AMADO, 2012, p. 55).

A partir dos estudos de Carvalho (2013), inferimos que o tamanho das nádegas de Rosa Palmeirão comparadas com a proa do saveiro e o requebrado de seu corpo ao caminhar seduzindo os marinheiros é descrito como um caráter biológico da mulher negra, pois, no Brasil, o processo de elaboração de sua identidade definiu-se a partir de ambivalências estabelecidas na colonização por meio de uma “renegociação da diferença” que se afirma no corpo negro feminino.

Assim como o exagerado apetite sexual exaltado pelo regime escravocrata que fez do negro e da negra objetos de desejo e escarnio nos dizeres de Arruda (1998) citados por Carvalho (2013), tornando-os mão de obra e símbolo da sexualidade animalesca perpassados, principalmente, pelo corpo da mulher negra que é o lugar da irregularidade por natureza supersexualizada que serviu de instrumento no desenvolvimento de uma economia erótica, fonte de produção do prazer e de mão de obra para o trabalho escravo que, neste cenário, fez a mulher negra assumir um papel de destaque na formação da cultura e da identidade, sendo

vista como superexcitada sexual, mas também como doce objeto de satisfação dos caprichos dos brancos – tentadora e dócil. Ainda hoje, a figura da mulata de exportação faz dos atributos sexuais enformados no modelo escravocrata, ao mesmo tempo uma marca da raça e um emblema da sensualidade brasileira. (ARRUDA (1998, p. 32) *apud* CARVALHO (2013, p. 38))

Por outro lado, os versos da canção supracitada cantada pelo senhor Francisco faz alusão aos pontos cantados nos espaços religiosos afro-brasileiros para as entidades femininas denominadas Pombagiras. Nesses pontos se destacam acessórios que elas gostam de usar, como: brincos dourados, navalha, punhal, adagas entre outros, como: batons, anéis, etc., dependendo de sua falange<sup>7</sup>, assim como Rosa Palmeirão utiliza alguns.

Dessa maneira, a canção destaca a sensualidade feminina perpassada, segundo Koltuv (2017), pelo poder sensual de Lilith em virtude de as mulheres utilizarem acessórios, a exemplo da maquiagem, das joias, dos cabelos arrumados, das roupas e perfumes que acentuam a conexão feminina com os poderes sedutores de Lilith e da

---

<sup>7</sup> Falange em Umbanda significa a subdivisão de Linhas onde cada Falange é composta de um número incalculável de espíritos orientados por um Guia chefe da mesma. (PINTO, 1971, p. 82)

Pombagira fornecidos pela Deusa Universal. Além de ser evidenciada, também, por meio do corpo bem feito dessa negra mestiça que Guma olhava e sorria com o olhar fixo nos olhos dela e pensava:

Porque o abc não falava naqueles olhos fundos, verdes, que pareciam uma pedra do fundo do mar? Mais que o punhal, a navalha, o corpo bem-feito, as nádegas de saveiro, aqueles olhos metiam medo, eram fundos e verdes como o mar. Quem sabe se eles não variavam com a cor do mar, mar azul, verde, mar de chumbo nas noites pesadas de calmaria? (AMADO, 2012, p. 55 - 56)

Notamos no verso: “aqueles olhos metiam medo, eram fundos e verdes como o mar” (AMADO, 2012, p. 56), a evidência de um mistério nesse olhar, assim como o mar é misterioso, ou seja, como Iemanjá exalava mistério/segredo/magia por meio de suas águas em noites de tempestades. Importante ressaltar nessa metáfora é que Rosa Palmeirão era feita em Iemanjá há vinte anos, isto é, era sua filha iniciada há duas décadas.

Por isso, levantamos uma possibilidade dessa mulher-personagem ter uma ligação “pactual” com a Grande Mãe: Iemanjá, pois, segundo o narrador onisciente, o seu olhar transmitia um terror maior que a própria navalha e o punhal que ela portava, além dele sorrir e ser verde como o mar e, também, pelo fato dela ter um corpo sedutor que atraía os homens daquele cais que diziam:

– Tu tá ficando um couro, Rosa – riu o velho Francisco. – Cala a boca, canoa emborcada. Tu não entende dessas coisas... – Bem dito Rosa. Tu ainda tira o juízo dum – apoiou Severiano. Rosa Palmeirão falou para Guma: – Tou mesmo um couro assim como seu tio disse? – e ria e olhava bem dentro dos olhos dele. Ela tinha punhais nos olhos também. – Que nada... Não tem quem arresista ... (AMADO, 2012, p. 56)

A partir dos estudos de Cumino (2019), podemos inferir que Rosa Palmeirão, uma mulher livre e independente, tem uma forte relação com a “Orixá Pombagira”<sup>8</sup> e as entidades Pombagiras que se manifestam nos terreiros de religiões afroindo-brasileiras.

Assim, segundo esse autor, pesquisador e estudioso das ciências da religião existe uma divindade feminina que rege ou governa esse mistério “Pombagira” chamada de

---

<sup>8</sup> Embora gere muito estranhamento identificar “Orixá Pombagira” para alguns, convido os mais resistentes para esta reflexão: Se a gente não conhecesse o Orixá Oxóssi, poderíamos tranquilamente chamá-lo de Orixá Caboclo e ele mesmo responderia. Assim como foram idealizados Iofá e Yorimá para um “Orixá Preto-Velho” que é Obaluaiê. A forma de se relacionar com as divindades, os Orixás, ainda é incógnita e um mistério para nós. Se eu não conhecesse Ogum, mas elevasse o pensamento ao “Orixá da Guerra” ou à “Divindade da Lei”, mesmo sem conhecer seu nome ele responderia, com certeza Ogum responderia. Sim, temos todos nós muito a aprender sobre os mistérios de Deus e como nos relacionar com eles. E pôr ponto-final à frase: “Para quem quer entender, poucas palavras são necessárias, e para quem não quer entender, nenhuma palavra basta”. (CUMINO, 2019, p. 104 – 105)

“Orixá Pombagira” – que traz em seu íntimo, a energia de sua ancestral: a Grande Deusa Universal que se manifesta em diversas deusas e entidades de diferentes mitologias.

Uma delas é considerada a primeira esposa de Adão: a Lilith judaica, que foi esquecida pelos dogmas cristãos, simplesmente, por não aceitar ser submissa a ele. Assim, segundo Cumino (2019), pelo fato de ter sido excluída, a umbanda a acolhe e a reconhece na energia da “deusa” Pombagira e das entidades Pombagiras que trabalham incorporadas em médiuns nos terreiros das religiões da diáspora afro-brasileira. Essas, ainda, segundo Cumino, são consideradas nossas protetoras e guardiãs que possuem qualidades de um ser divino feminino maior intitulado de “Orixá Pombagira”. Essa relação de Rosa Palmeirão com essas “deusas” de diferentes nomes é porque ambas trazem a energia vital da Grande Deusa que se manifesta por meio de todas elas.

Mas também, é porque num dos mitos de Lilith, de acordo com Noguera (2017), diz que ela foi criada a partir do barro, junto a Adão, portanto, antes de Eva. Assim ela se negou a deitar embaixo dele no ato sexual por não se sentir inferior. E em forma de protesto, ela abandonou o Éden. Esta sua atitude de recusa é de resistência ao domínio e opressão de Adão e se torna um obstáculo às religiões patriarcais nas versões do judaísmo e do cristianismo que a consideram uma ameaça à norma de submissão feminina.

Assim, essa afirmação nos remete à história de Rosa Palmeirão que tinha quinze anos de idade quando conheceu o seu primeiro homem, o mulato Rosalvo<sup>9</sup>. De acordo com Koltuv (2017), a idade inferior a 39 anos faz com que a mulher vivencie o poder sexual Lilith de maneira inconsciente, sendo vista pelos homens como um objeto para satisfazer, apenas, os seus desejos sexuais.

Talvez seja por isso que Rosa Palmeirão vivenciou um trauma que vem desse relacionamento abusivo que lhe causou uma violência psicológica e física quando Rosalvo estava bêbado. Fato que teve como consequência “aquele seu filho que nasceu morto [...], porque ele lhe dera aquela beberagem amarga” (AMADO, 2012, p. 85). De acordo com o narrador, quando ela soube que ele não queria aquele filho, então, se “transformou” em Rosa Palmeirão de navalha e punhal e o matou. Dessa maneira, a “fama” de mulher valente se agarrou a ela e se espalhou.

Nos dizeres de Koltuv (2017), a mulher vive a raiva violenta denominada de fuga de Lilith para não ser submissa e dominada. Nesse sentido, podemos inferir que Rosa

---

<sup>9</sup> Ele era malandro, tocador de violão, [que viajava] de graça nos saveiros, tocando nas festas de todas as cidades do Recôncavo (AMADO, 2012, p. 85)

Palmeirão não se submeteu a arrogância do poder masculino, pois vivenciou essa fuga de Lilith por meio de uma raiva violenta direcionada a seu primeiro esposo quando ele a violentou fisicamente até ela perder o seu rebento.

Entretanto, Koltuv (2017) ainda afirma que as mulheres não colocam uma mochila às costas e não empunham uma espada e saem em busca de algum feito heroico como os homens, pois Lilith e as demais mulheres não têm escolha por serem expulsas e obrigadas a uma cobrança de consciência.

Porém, Rosa Palmeirão, evidenciada pela pena de Jorge Amado (1912 – 2001), enquanto detentora de uma força interna, isto é, de uma autoestima (*anima*) positiva parece ter conseguido manter uma boa relação com seu *animus*<sup>10</sup>, e assim, saiu viajando livremente e independente com suas armas físicas e materiais empunhadas no peito e na saia como medida de defesa contra as intempéries de origens machistas. Essa postura a identificou como uma mulher guerreira e desbravadora. Mas também, lhe fixou inúmeros estereótipos.

Assim, inferimos que essa atitude fez Rosa Palmeirão se posicionar na vida de uma maneira ativa, sendo a protagonista de sua própria história, como Lilith e a Pombagira; escolhendo o que queria para não se colocar em situação de violência e de submissão. Diante disso, identificamos que ela se tornou uma ameaça para a submissão feminina nessa sociedade patriarcal como a Pombagira que se apresenta

nos espaços religiosos afro-brasileiros, como a subversora das condições opressoras que vêm para levar todo o ‘mal’, a violência simbólica, psicológica e física que é sofrida pelas mulheres e, também, por todos os marginalizados. ‘Mal’ esse que se personifica, principalmente, através dos instrumentos sutis de dominação utilizados pela classe dominante e pelas religiões majoritárias. (COSTA, 2015, p. 40)

Desse modo, ousamos dizer que, não apenas, a *anima-Lilith*, mas também, a *anima-Pombagira* do íntimo de Rosa Palmeirão, a fez romper com esse relacionamento abusivo resultante, nos dizeres de Koltuv (2017), da segunda qualidade da Deusa que é rejeitada e representada em Lilith por meio do corpo (instintividade e sexualidade), que no patriarcado vê a mulher, apenas, como receptáculo e mãe, na qual a sua sexualidade limita-se à relação conjugal ou é idealizada ou espiritualizada na Virgem Maria. Nesse sentido, por não se enquadrar nesses casos assim como Lilith/Pombagira, Rosa Palmeirão escolheu a separação diante da submissão.

---

<sup>10</sup> Refere-se a um ser masculino, cujo rastro pode ser seguido e que deve ser representado. (JUNG, 2006, p. 16)

Dessa maneira, inferimos que Rosa Palmeirão tornou-se provedora de seu poder sexual Lilith, porque já se encontrava, de acordo com os estudos de Koltuv (2017), no ponto médio da vida que geralmente acontece com mulheres que estão com trinta e nove anos. Etapa da vida na qual a mulher fica assolada por um desejo consciente semelhante ao de Lilith por um homem como Adão, cuja beleza assemelha-se à luz solar.

### **3. Rosa Palmeirão: uma mulher ativa e dominante consciente de seu poder Lilith/Pombagira**

De acordo com o narrador do romance *Mar Morto*, apesar do olhar da personagem Rosa Palmeirão causar medo, conforme citado na seção anterior, ele, também, apresenta outros adjetivos como a doçura, a meiguice e a vontade de ser amada e desejada por um homem que a possuísse como ela realmente desejava, pois segundo Castro (2015), ela não é só força, briga e valentia. Quando queria se deixa dominar de maneira afetiva pelo homem que ela escolhia. E isso, nos dizeres de Castro, não a tornou fragilizada, porque ela continuou sendo forte, admirada, respeitada pelos homens do cais e conseguiu ser amada como queria – sem medo e intimidação – por um homem que percebe que

os seus olhos são fundos como o mar e como o mar variam. São verdes, verdes de amor nas noites do areal. São azuis nos dias calmos, e de cor de chumbo quando a calmaria é apenas o prenúncio da tempestade. Seus olhos brilham. Suas mãos, que manejam facas e navalhas, são agora doces e sustêm a cabeça de Guma, que repousa. Sua boca, que diz palavrões, é terna agora e sorri de amor. Nunca a amaram como ela desejou. (AMADO, 2012, p. 59).

Por meio desse excerto, lembramos que certa vez Guma dormiu no colo dela enquanto ela cantava: “dorme, dorme, bebezinho, que a cuca vem aí...” (AMADO, 2012, p. 68). Notamos que ao cantar, a boca de Rosa Palmeirão era meiga e doce e sorria com vontade de ser amada, segundo Castro (2015), por um homem corajoso que sabe apreciar uma mulher bela, corajosa e subversiva que se encontra atrás da navalha e do punhal, formando-se um casal explosivo, efêmero, breve e carinhosamente sexualizado. Assim como Dona Janaína era considerada pelos marinheiros do cais: mãe e esposa de todos eles, Rosa Palmeirão fazia de Gumercindo (Guma) “seu amante e seu filho” (AMADO, 2012, p. 68). Haja vista que, a relação deles era de mãe/amante/filho/avó (do filho de Guma), pois ele não oferecia risco a ela, como o ex-marido oferecera.

Agora, nessa relação Rosa Palmeirão é o sujeito dominante/ativo, ou seja, características que predominam a personalidade da deusa Lilith e da entidade Pombagira. Nesse sentido, Koltuv (2017) afirma que para a mulher ser a parte ativa, dominante e

sedutora de uma relação é uma experiência numinosa, sagrada, transcendental, isto é, algo que parte do divino, pois na época babilônica, os cultos da Deusa floresceram porque Lilith era denominada e chamada de “a mão de Innana”<sup>11</sup> e tinha como função atrair e reunir na rua os homens e levá-los para o templo. Então, ela utilizava o seu poder de sedução a emprego do eu feminino.

A autora ainda ressalta que o próprio Velho testamento documenta o advento do patriarcado com inúmeras histórias de mulheres que utilizavam seu poder de sedução, isto é, a sua Lilith de maneira consciente para realizar ou satisfazer os objetivos de seus egos. A exemplo dessas histórias femininas temos: Raquel, Tamar, Dalila, Ester, Rute, a rainha de Sabá e outras que na psicologia feminina demonstram a necessidade de utilizar a sua Lilith – o seu poder sedutor – conscientemente à disposição do ego. Notamos, portanto, nas narrativas bíblicas e também na origem do arquétipo feminino africano, que as mulheres não são fracas ou meramente frágeis, mas capazes de protagonizar um ato heroico de sua autoemancipação ou do povo/clã que a representa. Tal representação distancia-se muito do estereótipo estabelecido socioculturalmente para a mulher ocidental brasileira.

Assim, Rosa Palmeirão tinha consciência de seu poder de sedução, isto é, de seu poder Lilith-Pombagira que, à sua disposição, fazia-a sentir a aproximação de sua mãe: a Deusa Iemanjá, quando as estrelas brilhavam no céu e no mar, pois isso era um sinal poético de que ela poderia confessar o seu desejo a Guma.

Sabe o que eu queria ter? — O que era? Ela ficou olhando as águas do rio. Quis sorrir, ficou encabulada: — Te juro que queria muito ter um filho, um filhinho para eu tomar conta e criar ele... Não ria não... E não teve vergonha das lágrimas que rolaram sobre o punhal do peito, a navalha da saia. (AMADO, 2012, p. 59 - 60)

Segundo Ponce e Godoy (2014), essa mulher frágil que almeja ou anseia a maternidade é uma outra face de Rosa Palmeirão apresentada por Jorge Amado e que se contrapõe à mulher valente. É importante destacarmos que ela tinha conhecimento, segundo os autores, da impossibilidade de realização desse desejo castrado ou de certa forma interrompido por um ato masculino misógino. Contudo, acrescentamos que por meio biológico em virtude de sua idade já avançada. Mas, não, por outros meios, pois

---

<sup>11</sup> Filha do deus *Anunnak Anu*. Deusa da sensualidade do panteão dos deuses *anunnaks* da mitologia sumeriana. (COSTA, 2015, p. 49 – 107)

pautados nas teorias de Castro (2015), ressaltamos que ela não se tornou frágil; pelo contrário, continuou lutando para seu desejo de se tornar mãe ser realizado.

Dessa maneira, segundo o narrador onisciente, na memória dos homens daquele cais passava todo o perfil de Rosa Palmeirão. Assim como muitos homens já haviam lhe amado, outros gostavam de ouvir o seu abc, isto é, as histórias de suas lutas heroicas que subvertiam a imagem da mulher não aguerrida do imaginário sociocultural local. Porém, outros tinham medo dela, pois ela se tornou uma mulher provedora de si mesma, ativa, cujo corpo deixava todos os homens atraídos por ela. Isso a fez sempre andar com navalha na saia e punhal no peito como uma estratégia de se autodefender das intempéries que porventura surgissem em seu caminho, isto é, dos assédios/violências masculinas para poder transitar livremente em qualquer local, até mesmo naqueles guetos considerados essencialmente “masculinos”, a exemplo do boteco *Farol da Estrelas* e ser respeitada.

Porém, essa atitude, como dita anteriormente, agregou-lhe estereótipos de valente, “mulher-homem”, barulhenta e ousada por que se defendia dos assédios e falta de respeito de alguns homens. Assim, o narrador ressalta que quando ela estava morando num morro no Rio de Janeiro, dizia ser muito respeitada. Embora, os dias não sejam os mesmos, ela contou:

Uma vez um pexote quis se atravessar na minha frente na sala de um baile. Travanquei a âncora no pescoço do bicho, ele naufragou no chão. Só se viu risada... — Tinha um vizinho meu que não sei que deu nele um dia quis se atirar em cima de mim. Eu estava enrabichada por um mulato que fazia samba, não dei ousadia. Uma noite ele veio com conversa fiada pro meu quarto. Foi conversando, olhando a cama e se atirou em cima. Eu disse para ele: "Compadre, levanta o ferro, dá teu fora". Ele bem do seu, ancorado ali como se fosse o porto dele. Bugalhava os olho pra mim. Eu avisei: meu homem tá pra chegar... Ele só disse que não tinha medo de homem. Eu perguntei pra ele: e de mulher tu tem medo? Ele disse que só de feitiço. E com os olho bugalhado em mim. Eu disse que era melhor ele ir embora. Mas ele não quis por nada. Até ia tirando as calças, eu aí me aborreci, sabe? [...] — Peguei pelo pescoço, atirei pela porta. Ele ficou ainda espiando, arriado no chão, com cara de besta. (AMADO, 2012, p. 57 - 58)

Apesar de ter inúmeros adjetivos para seus olhos e características pejorativas para sua personalidade, segundo o narrador, ela dizia a Guma que nunca havia brigado com os homens que gostava. Percebemos que, nesse momento, ela estava dócil e gentil. Então, levantamos a hipótese de ser associada à Lilith judaica, segundo os mitos de sua origem descritos no Zohar. Porque Rosa Palmeirão pode, simplesmente, estar querendo seduzi-lo para ter uma noite de amor com ele.

Nesse sentido, segundo Koltuv (2017), ela seria como Lilith: ora uma deusa, um demônio, uma tentadora, uma sedutora sombria, ardente, forte, guerreira e livre, cujo

corpo é belo e sensual “da cabeça até o umbigo, [...]; porém, do umbigo para baixo, ela é um fogo abrasador” (KOLTUV, 2017, p. 19).

Assim como Lilith que não permitiu deitar sob Adão, isto é, ser dominada e subjugada a ele, a Pombagira, segundo Cumino (2019), é um arquétipo feminino empoderado, forte, guerreiro, altivo e decidido que não aceitou ser submissa a nenhum homem. Dessa maneira, Rosa Palmeirão também evidencia o seu poder, a sua autoestima, o seu empoderamento, a sua coragem, a sua determinação, garra e valentia na sua postura ao caminhar remexendo o seu corpo bem-feito, colocando-o em ação, até mesmo para lutar fisicamente contra os abusos e a falta de respeito de alguns homens conforme mais uma história cantada pelo velho Francisco:

Rosa bateu em seis soldados / Na noite de São João. / Chamaram seu delegado, / Ele disse: – Não vou lá não. / Veio toda a puliça, / Ela puxou o punhal, / Foi medonho o rebuliço, / Foi uma noite fatal. [...] Veio orde de trazer / Palmeirão ou morta ou viva... Ela puxou a navaia, / Só se viu homem correr... (AMADO, 2012, p. 53)

Podemos enfatizar, mais uma vez, que a personagem Rosa Palmeirão possui características de uma mulher valente, cujo lirismo de seu corpo sensual se funde à valentia, sendo assim, uma mulher forte, decidida e guerreira, como Iemanjá Ogunté que é jovem e guerreira, segundo os estudos de Sérgio Adolfo (2000) citados por Ponce e Godoy (2014). Talvez seja por isso que Rosa Palmeirão luta com todas as armas (objetos materiais) para se defender dos absurdos e abusos de homens machistas, pois de acordo com as teorias de Ponce e Godoy ao parafrasear Adolfo, ela possui muito de Iemanjá Ogunté em sua construção pelo fato de ser bela, sedutora e uma guerreira valente que vai ao combate e permite aflorar o seu instinto materno sobre a bravura que a caracteriza.

Dessa forma, ela evoca muitas características do mito afrodescendente, nos dizeres de Ponce e Godoy, porque respeita e incorpora particularidades da cultura afro-brasileira, e foge da visão de que na obra de Jorge Amado prevaleça personagens estereotipadas e folclóricas. Fato que pode se contrapor às afirmações apresentadas a partir das teorias de Carvalho, de que as “qualidades” de Rosa Palmeirão foram exaltadas por meio de estereótipos que lhes foram impostos.

Por isso inferimos que essas armas utilizadas pela personagem podem ser metáforas para o conhecimento, o saber e o poder que Rosa Palmeirão – arquétipo das mulheres contemporâneas, engajadas e militantes utilizam para defender todos os direitos das mulheres contra atos de submissão, opressão e misoginia.

Então, percebemos que Jorge Amado – contador de histórias<sup>12</sup> – era um homem à frente de seu tempo, lutador e engajado em discutir assuntos que oprimiam o ser humano, especialmente, a figura feminina. Dessa maneira, ele criou personagens, como Rosa Palmeirão que rompe com todas as formas de opressão, dando-lhe voz, empoderamento e enaltecimento para expressar sua identidade e sua liberdade.

Assim, Rosa Palmeirão representa o arquétipo da mulher corajosa, ativa e atuante que sabe se conectar com o seu sagrado ou divino feminino – a Deusa Ancestral Feminina. E essa Deusa corajosa e ativa, na verdade, se manifesta em duas faces: Lilith e a Pombagira. Sendo que, a primeira é a origem energética da segunda, segundo teorias de Costa (2015).

A integração e a “encarnação” da deusa Lilith e da entidade Pombagira no íntimo dessa personagem amadiana a tornou uma mulher ativa, porque elas são a força feminina, são a *anima* existente no íntimo de cada ser humano. Elas são a força sedutora e transformadora do feminino que é vivenciada por várias mulheres jovens que, para Koltuv (2017), conhecem o poder de sua sexualidade e sensualidade de maneira inconsciente, porque são objetos de desejo dos homens. Contudo,

embora Lilith, a sedutora, seja perigosa para as pessoas completamente inconscientes, para as que já trilham o caminho da consciência o encontro com a tentadora Lilith pode ser transformador. Jung chama-a de uma “ânima xamanística”. [...] O iniciado encontra Lilith quando está a meio caminho da árvore da filosofia. (JUNG (1967 – 1973, p. 399 – 462) *apud* KOLTUV (2017, p. 79))

Segundo Koltuv (2017), esse meio caminho percorrido, como já mencionado, é entendido quando a mulher está na idade, geralmente, de 39 anos, pois esse é o momento em que ela é “assolada por um poderoso desejo, semelhante ao de Lilith, por um homem como Adão” (KOLTUV, 2017, p. 83), que vem representar a sua outra metade, o seu oposto, assim como Alkimin (2006) afirma que a força da Pombagira está simbolizada no seu oposto que é, no caso, o Exu.

Dessa maneira, Alkimin (2006) reitera que, para haver equilíbrio no universo, faz-se necessário a união das forças opostas masculinas e femininas que se encontram centradas nos opostos como o sol e a lua, o sal e o açúcar, o positivo e o negativo para

---

<sup>12</sup> Quando a crítica classificava a literatura de Jorge Amado ou identificava seu estilo com uma determinada corrente literária, ele sempre respondia que não era nada mais que um “contador de histórias”. (CÂMARA, 2013, p. 95)

alcançarmos a plenitude de virtudes e respeito em relação a todas e todos deste universo, uma vez que

a Pomba-Gira é o similar feminino de Exu, sendo, portanto, o Exu-Mulher, a força oposta à dele. Oposta não significa maléfica ou que entra em conflito; quer apenas dizer que, aquilo que o Exu não pode fazer, a Pomba-Gira faz. No plano terreno, as mulheres podem ter filhos, mas os homens não podem; as mulheres podem ter leite no peito e amamentar, mas os homens não podem. A força vibratória da Pomba-Gira destina-se a realizar diversos trabalhos relacionados com o amor, o sexo e todas as ligações com o sexo oposto. (ALKIMIN, 2006, p. 13)

Assim, Rosa Palmeirão ao entrar em conexão com sua Deusa interior, a sua vontade, o seu desejo e a sua sensualidade feminina são aflorados. Isso pode ser evidenciado quando ela passeava pelas ruas, pois parecia que seu corpo ganhava vida, ou seja, “falava” por si só, isto é, por meio de seus requebrados e gingados atraindo os olhares e atenção de todos os homens do cais da Bahia.

Mas, o único homem que lhe interessava era apenas Guma. Para o narrador, nesse momento, ela era consciente de seus desejos assolados por ele, porque mais do que de conversas, de brigas, de bebidas e de barulho, ela gostava mesmo era de estar na companhia dele, o seu oposto, sentindo-se mulher, isto é, a sua verdadeira *anima*: Lilith-Pombagira.

### **Considerações Finais**

A deusa Lilith e a entidade Pombagira são energias femininas (*anima*) provedoras de altivez, empoderamento, força e autoestima que se reverberam no íntimo da personagem Rosa Palmeirão tornando-a uma mulher corajosa, determinada e ativa. Assim, a sua aproximação com essas personagens míticas revela que todas as mulheres podem ser ativas, fortes, sensuais e sexuais, mesmo sendo mães. Uma vez que, elas não precisam se anularem, pois uma está na outra.

Portanto, juntas formam uma tríade arquetípica de mulheres modernas contemporâneas que lutam “armadas” metaforicamente contra os opressores misóginos e fálicos formando o feminino na criação que contribui para os estudos de decolonialidade, valorização, respeito e luta contra a misoginia e o racismo vigentes em nossa sociedade.

## Referências

- AMADO, Jorge. *Mar morto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ALKIMIN, Zaydan. *O livro vermelho da Pomba-gira: 21 receitas e mágicas para alcançar a felicidade no amor e no sexo*. 7ª ed. 2. reimpressão. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- AUGRAS, Monique. De Iyá Mi a Pomba-Gira: Transformações e símbolos da libido. In.: CARLOS, E. M. D. M. (Org.). *Candomblé: religião do corpo e da alma: Tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.
- BARBOSA JÚNIOR, Ademir. *O livro essencial da umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.
- BARROS, C. A. *Iemanjá e pomba-gira: imagens do feminino na Umbanda*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Juiz de Fora: UFJF, 2006. Fonte: <https://docplayer.com.br/21271679-Cristiane-amaral-de-barros-iemanja-e-pomba-gira-imagens-do-feminino-na-umbanda.html>. Acesso em: 20/11/2019.
- CÂMARA, Ricardo Pieretti. Oralidade e escrita na obra de Jorge Amado. In.: D'ANGELO, Biagio; SILVA, Márcia Rios da. *Cacau, vozes e orixás na escrita de Jorge Amado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.
- CARVALHO, Sueleny Ribeiro. *A Identidade na Fronteira Deslizante dos Estereótipos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- CASTRO, Janio Roque Barros de. Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance "Mar Morto", de Jorge Amado. *Geograficidade* | v.5, n.2, Inverno 2015. Fonte: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12943>. Acesso em: 20/12/2020.
- COSTA, Oli Santos da. *A Pombagira [manuscrito]: ressignificação mítica da deusa Lilith*. Tese (doutorado em Religião). p. 124. Goiânia: PUCGoiás, 2015. Fonte: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/781>. Acesso em: 22/07/2020
- CUMINO, Alexandre. *Pombagira, a deusa: mulher igual você*. São Paulo: Madras, 2019.
- JUNG, Emma. *Animus e anima*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- KOLTUV, Barbara Black. *O livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal*. São Paulo: Cultrix, 2017.
- LAGES, Sônia Regina Corrêa. *Exu - Lux e Sombras: Uma análise psico-junguiana da linha de Exu na Umbanda*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2003. Fonte: <https://www.ufjf.br/cliotedel/files/2009/10/COD03001.pdf>. Acesso em: 14/11/2019.
- NOGUERA, Renato. *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.
- QUALLS-CORBETT, Nancy. *A prostituta sagrada: a face eterna do feminino*. Tradução de Isa F. Leal Ferreira; revisão: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1990.
- SANTOS, José Benedito Dos. Recriação do Mito de Iemanjá e Orungã: Uma Leitura do Romance Mar Morto, de Jorge Amado. *Revista Decifrar* Manaus/AM Vol. 01, nº 01 (Jan/Jun-2013). Fonte:

<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/1018> Acesso em: 20/12/2020.

SOUZA, Chaline. *Deixa a pombagira trabalhar! Nas encruzilhadas, caminhos e descaminhos de gênero*. Florianópolis: Fogo, 2019. Fonte: <http://www.fogoeditorial.com.br>. Acesso em: 15/08/2020.